

EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR: REFLEXÕES A PARTIR DE PESQUISAS CORRELATAS

Vanessa Salete Pescador

Docente do curso de Educação Física-UNOESC Chapecó

Marineiva Moro Campos de Oliveira

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação-UNOESC Joaçaba

Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

O contexto dos espaços formais e não formais fazem parte do percurso da Educação Não Escolar (ENE). Os espaços educativos para além da escola precisam “articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território, é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência [...]” (GOHN, 2010, p. 15)

Ainda Gohn (2006) ressalta que a educação é organizada como, a) educação formal que é caracterizada pelos processos de escolarização que acontecem nos espaços escolares, b) educação informal, aquela que ocorre nos diversos contextos sociais que o sujeito interage, família, praças, no cotidiano, c) educação não formal, aquela cuja os processos de desenvolvimento humano possuem uma intencionalidade e complementam os processos de escolarização formal. Com foco na ENE institucionalizada, utilizamos o termo institucionalizada no sentido de evidenciar que na educação não formal (ENF) há um processo objetivado de desenvolvimento humano, subsidiado pelos processos pedagógicos, didáticos e metodológicos, mas que não são padronizados, pois sendo “institucionalizados” os espaços de ENE assumem uma organização praxiológica e ao mesmo tempo garantem sua diversidade de existência, o que não os padroniza como a educação formal, mas sim, como espaços de formação não escolarizados e sim institucionalizadas.

Diante dessa contextualização, a autora evidencia que a Educação Não Escolar tem como objetivos: a educação para a cidadania, justiça social, para direitos, liberdade, igualdade, para a democracia, contra a discriminação, para o exercício da cultura e manifestações das diferentes culturas. Dessa forma, as atividades não escolares visam atender às problemáticas e necessidades sociais de forma a atender os objetivos da proposta de ENE. Isso ocorre, ou deveria ocorrer, tanto no espaço da escola quanto fora

dela, ou seja, a educação escolar e a Educação Não Escolar são parceiras e não competem entre si. Face a breve apresenta da ENE, este trabalho que é fruto de uma dissertação de mestrado em educação, propomos uma reflexão acerca de como as pesquisas correlatas dialogam sobre a ENE.

Esta pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico que põe na roda do diálogo as produções correlatas acerca da ENE e analisa como o tema está sendo discutido no campo científico brasileiro a partir de 2015. Dessa forma, a pesquisa foi realizada por meio de busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com recorte temporal de 2015 a dezembro de 2021. O recorte se justifica no ano de 2015, pois Zoppei (2015) publicou, a partir da nossa busca, a primeira tese de Doutorado trazendo um aprofundado levantamento histórico sobre a Educação Não Escolar no Brasil.

Durante o movimento de busca, utilizamos as palavras-chave; Educação Não Escolar, sem aspas, e encontramos 820846 trabalhos, levando em conta a diversidade e quantidade de trabalhos, limitamos a busca inserindo aspas - “educação não escolar” – e limitando a busca em teses e dissertações, objetivamos o resultado de 48 trabalhos publicados de 2015 a 2021. Foram realizadas leituras dos 48 trabalhos e a partir da leitura iniciamos o processo de identificar quais dessas apresentam a ENE como um processo de formação humana e subsidiada por propostas pedagógicas que evidenciem a organização do trabalho pedagógico. Esses critérios foram atendidos por 17 produções científicas.

A partir da leitura e análise das pesquisas selecionadas emergiram três categorias. As categorias foram delimitadas de acordo com a aproximação do tema Educação Não Escolar como processo de formação humana subsidiado pelo trabalho pedagógico objetivado, orientado metodologicamente e pedagogicamente.

Como primeira categoria, delimitamos currículo, educação não escolar X escolar e suas possibilidades articuladoras, sendo discutidas em sete (7) produções científicas, as quais sinalizam a fragilidade da formação do pedagogo, especialmente, para atuar em espaços de educação não escolar. Ainda, as pesquisas apontam que as diretrizes que orientam os cursos de licenciatura limitam o debate acerca da educação não escolar.

A segunda categoria que emergiu foi a Educação Não Escolar: olhares acerca de diferentes temáticas, nessa as duas (2) produções destacam uma tentativa de formação para além da escola, exemplo, a institucionalização de programas de educação integral, como o programa Mais Educação, porém, as produções correlatas apresentam fragilidades na materialização da proposta de ENE na educação integral, pois seguiu-se o mesmo currículo para objetivos diferentes.

A terceira categoria, formação humana em saúde desenvolvimento social e cultural, também evidenciada em oito (8) produções, destacam as contribuições dos espaços de educação não escolar como possibilidades formativas que completam a formação escolar. As pesquisas destacam os projetos sociais desenvolvidos em bairros em que moram as crianças em situação de vulnerabilidade social, e destacam que os projetos de ENE potencializaram a formação dessas crianças em áreas como saúde, cultura, esporte, economia e projetos de vida. As dezessete (17) pesquisas correlatas demonstram a relevância de reflexões sobre a ENE, tendo uma lacuna encontrada nas pesquisas, a necessidade de apresentar as propostas pedagógicas e documentos que organizam e orientam o trabalho nesses espaços de ENE.

As reflexões a acerca desses espaços de ENE acontecem desde os anos 1960, momento em que se registram as primeiras conquistas acerca das articulações da educação, cultura e arte na formação humana. Esses debates se fortalecem por meio de movimentos sociais e estudantis que começaram a se organizar nesse período (ZOPPEI, 2015). Para dialogarmos acerca desses movimentos, aparamo-nos nas contribuições de Paulo Freire (1996) e Gadotti (2007), os quais nos possibilitam compreender a educação como um caminho, não como um fim unicamente escolar. As reflexões de Gadotti (2007, p. 26) preocupam-se que “a diversidade é a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta”, levando-nos a pensar que não podemos ter somente um espaço definido como o espaço de formação humana.

Desse modo, o desafio é pensar a ENE como uma via de formação. E, para pensar esses espaços, nos apropriamos das produções de Gohn (2015), a qual dialoga sobre a Educação Não Escolar Institucionalizada, para a autora, a ENE inicia com os movimentos de “programas e projetos sociais das ONG’s, dos anos de 1980 para cá. Já nos anos 1960 no Brasil, e depois, a partir de 1970, quando tínhamos movimentos ligados às pastorais [...]” (GOHN, 2015, p. 30).

A autora compreende que a ENE é uma via de formação humano que potencializa o acesso a todos da cultural, da arte, da criatividade, da profissionalização e de outras formas de produção humana que possibilitem ao sujeito sua emancipação e autonomia. Portanto, as fragilidades apontadas nas produções correlatas, destacam especialmente a questão da formação de profissionais para atuarem nos espaços de ENE, da fragilidade de articulação com a educação formal, mas considerando as singularidades formativas da ENE. Por fim, podemos destacar a necessidade de produções que permitam

pensar sobre a ENE como um espaço que vai além das ações práticas, do assistencialismo, e que tenha propostas pedagógicas orientadoras das ações desenvolvidas nesses espaços, inclusive analisar as propostas que orientam o trabalho nesses espaços se faz uma demanda iminente.

Palavras-chave: Educação Não Escolar; Espaços educativos; Formação humana.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. **Proposta** (Revista trimestral de debate da FASE), Rio de Janeiro, ano 31, n. 113, p. 21-27, jul./set. 2007. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/acervo/revista-proposta/?k=paulo+freire+e+a+educa%C3%A7%C3%A3o+popular>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social.** São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Política Pública em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal no Campo das Artes.** São Paulo: Cortez, 2015.

ZOPPEI, Emerson. **A educação não escolar no Brasil.** 2015. 344f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.